

A ilha de Sorobabel, uma das maiores do rio São Francisco, tem 3 km de comprimento por 0,3 km de largura, aproximadamente, e está situada a 30 km a oeste de Itacuruba (PE), próxima à foz do rio Pajeú.

A parte mais alta da ilha, entre 290 a 320 m acima do nível do mar, abriga as ruínas da primeira igreja de Nossa Senhora do Ó, da região, fundada pelos missionários capuchinhos franceses por volta do século XVII.

De acordo com informações dos habitantes locais, a ilha formou-se durante um período de cheia do São Francisco, que destruiu a Igreja e formou um braço de rio permanente do lado de Pernambuco. Essa invasão das terras baixas do lado pernambucano pelo rio deu origem a inúmeras outras ilhas, que mais tarde foram ocupadas pelos indígenas agrupados na Missão.

Durante a realização de plantios ou a abertura de canais para irrigação dos cultivos (arroz, feijão, milho, capim), os habitantes da ilha têm encontrado alguns vasilhames de cerâmica que denominam "aribé", na metade oeste do lado sul da ilha.

No lado de maior ocorrência desses vasilhames foram realizadas diversas prospecções que revelaram as urnas 2, 3 e 4, onde foi demarcada uma área para escavação. Das urnas encontradas fragmentadas, apenas uma pôde ser reconstituída, revelando uma forma e técnica idênticas à encontrada quase completa pelo proprietário do local, Sr. Joaquim Ramos, por ele doada à equipe (urna 1). Contendo restos de enterramento, essas urnas são globulares, com técnica de decoração de raspagem. A urna 2, reconstituída, continha contas de colar em vidro, comprovando uma fase de contato com o colonizador, enquanto as demais, ainda sem uma identificação da forma, continham contas de colar em osso.

A Escavação

As prospecções na ilha permitiram localizar a área de maior concentração de fragmentos cerâmicos e contas de colar. A observação desses vestígios em uma mancha negra na superfície permitiu o levantamento de hipótese da presença de povos ceramistas no local, em um período que remonta à fundação da Missão ou em um período anterior a este evento.

Até o momento, a escavação tem a dimensão de 2,00 x 3,00 x 0,55 m, seguindo a direção N-S.

Na camada húmida, superficial, foram encontrados diversos tipos de pinturas e contas de colar que divergem do restante desses artefatos encontrados nas prospecções. Além deles, foram encontrados fragmentos cerâmicos, os quais haviam orientado a localização da escavação.

Retirada a camada húmida, revelou-se uma primeira camada de cor menos escura, marrom, muito compacta. Nesse estrato, teve início o aparecimento de ossos de mamífero calcinados e fragmentados, associados a pedaços de cerâmica, dispersos alguns, outros no limite do depósito de cinzas com o solo não alterado, sem constituírem, contudo, uma estrutura bem definida.

A seguir surgiram conchas bivalvas que antecederiam um esqueleto bastante calcinado, envolto em uma densa camada de cinzas, endurecida. Uma terceira camada ainda escura, porém menos compacta que as anteriores, continuou a evidenciar fragmentos ósseos queimados humanos, bem como de mamíferos, aves, peixes e répteis, (1) diversos artefatos como uma espátula em madeira, um cachimbo incompleto e inúmeros cacos de cerâmica pintada em vermelho, simples, bem alisada e mal alisada, polida, pintada em vermelho decorada em branco, incisa, pontuada repuxada, raspada e escovada. (2) Esses fragmentos são parte de bordas, bojos e bases em espessuras diversas, alguns apresentando-se muito oxidados.

No segundo e terceiro estrato, o carvão apresentou-se em diminutas partículas, o que inviabilizou a coleta para datação. Um segundo fator foi a textura do solo em volta da área do enterramento que permite uma rápida infiltração das águas das chuvas, conforme pode ser constatado durante os trabalhos de escavação.

A quarta camada é arenosa, bastante solta, amarela, característica do solo da ilha. No limite do terceiro com o quarto estrato, foram encontrados os últimos cacos cerâmicos, compondo estruturas bem definidas com restos de animais, provavelmente domésticos, com os restos identificados pelo Prof. André Jacobus, coletados nos estratos superiores.

As Tradições Funerárias

As populações indígenas do médio São Francisco que sobreviveram ao contato com os colonizadores evidentemente estão

descharacterizados nos aspectos mais importantes de sua cultura.

As que escaparam à ação exterminadora do bandeirantismo de contato não puderam, contudo, fugir à ação cristianizadora dos missionários. Não só o trabalho de catequese, especificamente, contribuiu para a descaracterização cultural dos grupos indígenas da região. A reunião de diferentes grupos culturais em um mesmo aldeamento gerou uma influência intergrupal de tal magnitude que os dados etnográficos obtidos das populações atuais não apresentam uma analogia com os dados arqueológicos, pelo menos no momento presente. Vale ressaltar ainda, uma possível grande influência das religiões africanas, exercida quando do contato com escravos fugidos.

À exceção dos Fulniô, que ainda lutam para manter sua identidade cultural, os demais grupos do Sul pernambucano não conseguem remontar suas origens a um período anterior à chegada dos missionários. É importante ressaltar que o relato pelos Tuxá ou "Rodelas" sobre os costumes de seus antepassados está intercalado por ressalvas de que se trata de costumes dos "caboclos brabos". (3) Isto nos leva a inferir que, por censurá-los, omitem muitos aspectos da cultura dos seus ancestrais.

Nos dias atuais, no vale do São Francisco ou em áreas próximas, além dos Fulniô e dos Tuxá ou "Rodelas" (estes em Itacuruba e Rodelas), habitam os Pankararu (Tacaratu) e os Truká, alguns remanescentes dos grupos aldeados na missão do Brejo dos Padres, fundada no século XVII.

Observou Estêvão Pinto que a região do médio São Francisco, em época anterior à colonização, foi habitada por grupos caçadores-coletores entre a foz dos rios Moxotó e Pajeú e por ceramistas depois da embocadura do Pajeú, à montante do São Francisco. A pesquisa arqueológica vem demonstrando que essa distribuição espacial não é tão rígida. A cerâmica aparece associada aos conjuntos líticos dos sítios de superfície na barra do Pajeú, de tecnologia semelhante ao período mais recente da Gruta do Padre.

A Tradição Oral e os Ritos Funerários

A tradição oral dos Pankararu informa que no Brejo dos Padres os indígenas enterravam seus mortos nos abrigos sob rocha. Sem fazer referência direta à cremação, esses indígenas afirmam que sobre os mortos era colocada uma camada de madeira e o local voltava a ser utilizado quantas vezes se fizesse necessário. Esta descrição coincide com os achados de Carlos Estêvão na Gruta do Padre, que denominou-os Ossuário, pela grande quantidade de ossos calcinados e revolvidos.

Por sua vez, os Tuxá atribuem sua denominação de "Rodelas" ao costume de cortar os membros de seus mortos em pedaços e conservá-los em cinzas dentro de cerâmicas.

Os Dados Arqueológicos

Na ilha de Sorobabel, município de Itacuruba (PE), a pesquisa arqueológica vem revelando que os rituais funerários contêm traços culturais que lembram ora os grupos tupis, ora os jês.

Os achados constam de enterramentos:

- em pequeno vasilhame em cor vermelha pintada, contendo crânio e conchas bivalvas;
- em cerâmicas globulares médias de decoração raspada, contendo contas de colar de vidro e ossos pulverizados;
- em cerâmicas de forma globular raspada ou alisada simples, contendo contas de colar em osso;
- no solo, com o cadáver depositado na direção leste-oeste (a cabeça voltada para oeste), precedido de quatro conchas bivalvas, acompanhado de contas de colar em osso, taubá branco, cachimbo fragmentado, cacos de cerâmica de decoração diversificada ou simples, contendo restos de animais calcinados, envoltos em cinza.

As três primeiras formas de enterramento são encontradas quase à superfície do solo, sem uma ordenação espacial aparente, as quais só podem ser detectadas quando fragmentos cerâmicos ou contas de colar afloram à superfície. Os Tuxá afirmam que não havia lugar determinado para enterramento, mas relatam que em Sorobabel a área de habitação se situava no lado leste da ilha e a de enterramento no lado oeste, próximo ao local das ruínas da igreja. A esca-

* Pesquisa financiada pela CHESF e CNPq
* Professora visitante da UFPE - CNPq

(1) Algumas peças ósseas foram identificadas pelo Prof. Luiz André Jacobus, do Instituto Anchieta de Pesquisas de São Leopoldo (RS).

(2) A identificação da decoração da cerâmica foi feita por Ana Lúcia Machado, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi.

(3) Informações obtidas pela equipe de pesquisadores de História, sob a coordenação da Profª Maria do Socorro Ferraz.

vação, situada ao norte dessas ruínas, localizou-se em uma área cuja escolha deveu-se à abundância de cacos cerâmicos e à cor escura do solo.

Quanto aos objetos que acompanham a última forma de enterramento, a cor branca do tauá foge à explicação dos antropólogos de que o ocre vermelho estava associado ao sangue, símbolo da saúde vital. No que diz respeito às conchas, especificamente à sua localização acima do enterramento, o que podemos deduzir no momento é que sejam indicadores de sepultura. Se lembrarmos ainda que os objetos perecíveis ou não estavam envoltos em cinzas, como se fosse intenção conservá-los, podemos concluir que o grupo social que praticou aquele rito funerário acreditava em uma vida dos mortos e tinham um grande cuidado e um profundo respeito pelos seus mortos. Testemunhas dessa crença e comportamento social são os ossos de mamíferos, peixes, aves e répteis recuperados do solo, provavelmente alimentos imprescindíveis aos mortos na segunda vida que iriam empreender.

Os fragmentos de cerâmica seriam a lembrança dos vivos a acompanhar os mortos em sua outra vida.

O enterramento em cerâmica, com a guarda do crânio, apenas podemos acreditar pelo testemunho dos habitantes da ilha que o encontraram. Parece estar relacionado ao desejo de posse de uma relíquia do morto, uma prática tupi.

Conclusão

A forma de enterramento no solo, contemporânea ao período de contato com os missionários, tanto quanto alguns dos enterramentos em cerâmica, poderiam corresponder a uma alteração nos costumes indígenas, seja por influência da cristianização, seja por influência do contato com grupos culturais diferentes.

Os Tuxá não fazem referência à presença de outros grupos indígenas na ilha durante a permanência da missão, nem há tal referência em documentos da época.

A Tradição Tuxá afirma que a aldeia de Rodelas é a mais antiga do mundo e, por extensão, a de Sorobabel, se lembrarmos que os Tuxá transferiram-se de Sorobabel para Rodelas (BA) após a enchente que destruiu a Igreja de Nossa Senhora do Ó.

Para a origem dos Tuxá ou o estabelecimento desse grupo na região, podemos levantar a hipótese de que procediam do interior do país quando se fixaram no local, no momento em que antigos habitantes da área tentaram retomá-la aos tupis que os haviam expulso.

BIBLIOGRAFIA

- ESTEVÃO, Carlos. O ossuário da "Gruta do Padre" em Itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do Nordeste. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, Separata do **Boletim do Museu Nacional**, vol. XIV-XV (1938-1941). 1943.
- JAMES, E. O. **La religion del hombre prehistórico**. Madrid, Ediciones Guadarama, 1973
- MELATTI, Júlio César. **Os índios do Brasil**, 4ª ed. São Paulo, HUCITEC, 1983.
- MÉTRAUX, Alfred. **A religião dos tupinambás**. 2ª ed. São Paulo, EDUSP/Nacional, Col. Brasileira, vol. 267, 1979.
- PINTO, Estêvão. **Os indígenas do Nordeste**. São Paulo, Ed. Nacional, 1935, 2 vol.

Debates à comunicação da Profª Jacionira Rocha

Profª Niède Guidon:

Algum questionamento?

Profª Dorath Pinto Uchôa:

Foi observada cremação em todos os enterramentos?

Profª Jacionira Rocha:

Sim, os ossos estão realmente cremados. Foram encontrados dentro das cinzas.

Profª Dorath Pinto Uchôa:

Insisto ainda, se todos os enterramentos, nesse sítio, estavam cremados.

Profª Jacionira Rocha:

Em alguns fragmentos cerâmicos encontramos apenas pó de ossos. Os ossos pulverizados estavam no vasilhame que nos deu um ilhéu, o crânio fôra jogado no rio com medo. No local da escavação os ossos estavam muito queimados, não há aparentemente indícios de que estivessem dentro de uma cerâmica. Há uma grande mancha no local, levando-nos a crer tratar-se de um depósito de cinzas muito grande.

Profª Dorath Uchôa:

Na realidade, isto pode obedecer a determinados padrões de enterramento. Eu fiz exatamente essa pergunta porque no Sítio do Tenório, que nós escavamos em Ubatuba no Estado de São Paulo, sítio litorâneo e que não chega a ser um sambaqui, em uma dessas coletas de pescadores bem mais recente, de 75 depois de Cristo, nós encontramos alguns esqueletos cremados. A evidência nos leva a dizer que não houve uma intencionalidade na cremação daqueles corpos e que foi natural. O padrão de enterramento deles deve obedecer àquele das fogueiras próximas, mas nem por isso com o objetivo de cremar os corpos. Porque nós não encontramos uma continuidade, uma sistemática digamos. Então por isso fiz a pergunta.

Profª Jacionira Rocha:

Sua intervenção foi interessante Profª Dorath, porque os ossos que encontramos estão em um depósito de cinzas, inclusive os fragmentos cerâmicos, às vezes, limitam o solo arqueológico, se encontravam separados: os ossos de peixe num grupo, os ossos de aves em outro, bem delimitados. Na parte superior, os vestígios estão muito revolidos, misturados, tendo sido encontrada apenas uma falange humana entre os ossos que André Jacobus examinou.

Não conheço os rituais dos indígenas que habitavam o local. Sei que os Tuxá têm um ritual secreto que realizam quinzenalmente, mas ninguém tem fácil acesso. São necessários anos para se conseguir participar desses ritos. Não sei se poderia denominar o sítio de cerimonial, mas a presença de ossos humanos nos leva, no momento, a defini-lo como sítio de enterramento. Não seria simplesmente um local de ritual religioso.

Profª Dorath Uchôa:

Esse trabalho já está publicado?

Profª Jacionira Rocha:

Não, é a primeira vez que falamos sobre ele.

Profª Dorath Uchôa:

Bem, porque isto me interessa muito.

Profª Jacionira Rocha:

Estamos começando e não temos dados suficientes. Precisamos analisar os ossos. André Jacobus só teve condições de examinar o que coletamos na superfície. Os ossos coletados a maior profundidade, não foram examinados; Jacobus estava fazendo apenas uma visita ao laboratório. O sedimento não vai além de quarenta ou cinquenta centímetros de profundidade. Foi o único local que encontramos na ilha em condições de ser escavado. Era uma mancha escura com grande concentração de fragmentos cerâmicos. Os Índios Tuxá, informaram-nos, posteriormente, que a parte oeste da ilha era destinada aos rituais, e que as habitações estavam no lado leste.

Profª Gabriela Martin:

Complementando a explanação, quero informar que trata-se de uma pesquisa incipiente. Começamos faz pouquíssimo tempo e amanhã se falará de problemas de salvamento. Tivemos que assumir esse trabalho, porque lá há uma missão e uma Igreja e não vamos deixar que a Igreja seja inundada sem antes, pelo menos, saber alguma coisa. O material, se você se interessa por ele, está na Exposição de Itaparica; lá tem uma urna e parte do enxoval. Uma outra urna está no laboratório, sendo restaurada.

Prof. Ondemar Ferreira Dias:

Na Gruta do Gentio, que é médio São Francisco, embora na Região de Minas Gerais, temos encontrado uma grande variação nos padrões de enterramento. O problema que tem surgido diz respeito a ossos humanos, nos níveis inferiores calcinados e misturados com

ossos de animais. Isso ocorre também numa outra gruta, a Lapa da Foice e, com toda cautela em torno da discussão que hoje em dia existe sobre canibalismo, fica a hipótese de prática de canibalismo, porque os ossos estão quebrados e misturados com ossos de outros animais, embora existam, também, sepultamentos humanos calcinados em uma cova especial.

Encontramos, agora, na escavação de janeiro, no nível de 8 mil a 10 mil anos AP, três sepultamentos muito interessantes, sepultamentos secundários, porque o corpo foi quebrado, cortado e sepultado; o crânio primeiro, depois o tronco e depois os membros superiores e inferiores, colocados separadamente.

Profª Jacionira Rocha:

Os Índios Rodelas explicam que são chamados assim pelo costume que tinham de cortar os defuntos em pedaços, ou seja, em “rodelas” e conservá-los nas cinzas.

Encontramos, na Ilha de Sorobabel, restos de animais misturados a restos humanos que, no começo, pensamos serem restos de lixo da aldeia. Depois vimos que os ossos foram cortados propositalmente. Marcos Galindo, num abrigo de Palmeira dos Índios, em Alagoas, também encontrou ossos grandes de animais misturados a ossos humanos.